

A RELAÇÃO ENTRE FOLCLORE E LITERATURA INFANTIL NA OBRA DE MONTEIRO LOBATO

CARDOSO, Cleomara Almeida
cleomara.cardoso@terra.com.br

SANTOS, Cristianne dos
cristiannekrika@yahoo.com.br

MEIRELLES, Cláudia de Souza Cardoso
Graduada em Letras – UCSAL/BA, Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa – FACINTER/PR, Mestranda em Ciências Sociais – UFRN e Professora da Universidade Tiradentes.
meirelles.claudia@oi.com.br

RESUMO

A Literatura Infantil no Brasil está diretamente ligada ao nome de Monteiro Lobato. Sua obra vem através dos tempos se apresentando como importante aliada na conservação e divulgação de elementos da cultura nacional. Através dos moradores do Sítio do Pica-pau Amarelo, Lobato desfila uma gama enorme de elementos das mais diversas culturas. Dona Benta, Tia Anastácia, Narizinho, Pedrinho e Emília, os principais moradores do sítio, acabam vivendo as mais fantásticas aventuras, misturando lendas indígenas, mitologia grega, fábulas, etc, numa verdadeira salada cultural. O trabalho visa, por sua vez, analisar a relação ente a obra de Monteiro Lobato e a chamada literatura universal.

PALAVRAS-CHAVE: Monteiro Lobato, Folclore, Literatura, Infantil,

INTRODUÇÃO

O desafio de introduzir as crianças no mundo da leitura parece ser hoje um dos maiores problemas para pais e professores. A literatura infantil, especificamente, possui peculiaridades que, por sua vez, visam atender a uma clientela específica, onde a fantasia e criatividade são elementos do cotidiano.

No Brasil, um dos principais nomes da literatura infantil, embora não tenha escrito apenas para crianças, foi Monteiro Lobato. Em suas obras, especialmente o conjunto que compõe o *Sítio do Pica-pau*, o escritor deixa claro que os livros infantis devem ser escritos com o máximo de fantasia permitido. Foi assim, misturando o fantástico, o mágico, ao cotidiano, que ele conseguiu um intento que, para alguns, poderia ser impossível: unir o clássico ao popular, os mitos gregos às crenças de nosso povo, possibilitando um verdadeiro passeio pelas mais diversas culturas.

Mesmo sendo reconhecido principalmente por sua literatura infantil, Lobato não iniciou suas atividades literárias voltadas para essa clientela. Na verdade, ele apresenta-se como um investidor incansável nas coisas do Brasil. Nessa longa caminhada, muitos elementos acabam formando o Monteiro Lobato do *Sítio*, das histórias fantásticas que acabaram influenciando várias gerações.

Este trabalho procura, a seu modo, fazer uma análise sobre essa relação entre um pensamento popular, tão presente na obra de Lobato, e como o autor conseguiu estabelecer uma relação com a literatura infantil clássica.

Para isso, procura traçar um perfil histórico do escritor, procurando identificar sua evolução enquanto fazendeiro, escritor, editor, empreendedor até seu encontro com a literatura infantil, bem como a influência da cultura popular em suas obras e sua relação com uma literatura clássica, muitas vezes distante da nossa realidade.

DE TAUBATÉ PARA O MUNDO: A TRAJETÓRIA DE MONTEIRO LOBATO

Monteiro Lobato, ou José Bento Monteiro Lobato (1882 – 1948) nasceu em Taubaté, Estado de São Paulo, em 1882. Segundo Edgard Cavalheiro, Monteiro Lobato estreou no mundo das letras com pequenos contos para os jornais estudantis dos colégios Kennedy e Paulista, que frequentou em Taubaté.

Aos 14 anos de idade publicara, sob o pseudônimo de JOSBÉM, a primeira crônica, em “O Guarani”, órgão estudantil do “Colégio Paulista”, de Taubaté, onde fazia os preparativos. E nesse mesmo jornalzinho redigira a seção “Resenha da Semana”. Aos dezessete anos, além de colaborar em “O Patriota” de Laudelino Barbosa e em “A Pátria” de Albino Camargo, redige inteirinho o seu próprio jornal, com o estranho e cabalístico nome de H20. (CAVALHEIRO, 1955, p.10-11)

Já em São Paulo, durante o curso de Direito, desenhava e escrevia com frequência, contribuindo com publicações dos alunos, chegando a ganhar um concurso literário em 1904. Depois disso, formou, com outros amigos, um grupo denominado “Cenáculo”, mandando artigos para um jornalzinho de Pindamonhangaba.

Após concluir o curso de Direito e retornar a Taubaté, continuou enviando artigos para um jornal, “O Combatente”, de Caçapava. Além disso, passou a traduzir artigos do Weekly Times para o Estado de S. Paulo. Também colaborou com artigos e ilustrações para outros jornais do Rio de Janeiro e Santos.

Com a morte do avô, a vida de Monteiro Lobato deu uma reviravolta, pois passou a morar na fazenda que herdara. Embora voltasse sua atenção para as questões relacionadas à fazenda, não se afastou da literatura. Em 1914, escreveu um artigo denominado “Uma Velha Praga”, para o Estado de S. Paulo, denunciando as queimadas no Vale da Paraíba. O artigo teve grande repercussão, e um mês depois, redigiu Urupês, no mesmo jornal, criando o Jeca Tatu, seu personagem-símbolo. Preguiçoso e adepto da “lei do menor esforço”, Jeca era completamente diferente dos caipiras e indígenas idealizados pelos romancistas até então.

Esses dois artigos seriam reproduzidos em diversos jornais, gerando polêmica de norte a sul do país.

Após algum tempo vivendo na fazenda, resolve vendê-la e se muda definitivamente para São Paulo, onde continua sua carreira de escritor, contribuindo com diversas publicações da época. Finalmente, em 1918, adquire a Revista do Brasil, dando espaço para novos talentos.

Com o sucesso da revista, ele formou uma empresa editorial que continuou aberta aos novatos, lançando, inclusive, obras de artistas modernistas, como *O homem e a morte*, de Menotti del Picchia, e *Os Condenados*, de Oswald de Andrade.

Com sua visão empreendedora, Lobato passa a tratar o livro como um produto que, por sua vez, precisa seduzir seus compradores. Por isso, investe no aspecto visual, cuidando de sua qualidade gráfica e adotando capas coloridas e atraentes. A partir daí, dedica-se cada vez mais ao mundo editorial, investindo na qualidade das publicações.

Escreveu, nesse período, sua primeira história infantil, “A menina do narizinho arrebitado”. Com capa e desenhos de Voltolino, famoso ilustrador da época, o livrinho, lançado no Natal de 1920, fez o maior sucesso. Dali nasceram outros episódios, tendo sempre como personagens Dona Benta, Pedrinho, Narizinho, Tia Nastácia e, é claro, a famosa boneca Emília.

Insatisfeito com as traduções de livros europeus para crianças, ele criou aventuras com figuras bem brasileiras, recuperando costumes da roça e lendas do folclore nacional. E fez mais: misturou todos eles com elementos da literatura universal, da mitologia grega, dos quadrinhos e do cinema.

As traduções então correntes no Brasil impressionavam Monteiro Lobato, que as considerava “grego”. Esses livros, testemunha o escritor, eram traduzidos para crianças portuguesas, que provavelmente não entendiam nada, também.

E eram mal impressos, com ilustrações piores que o nariz do ilustrador . (ARROYO, 1968, p.202)

O “Saci Perêê”, a “Iara” e a “Cuca” são alguns dos personagens mitológicos do imaginário popular brasileiro, que participam das narrativas de Monteiro Lobato. São habitantes das florestas, lagos e rios, são seres do interior e da profundidade, que transpostos para a televisão (nas versões do Sítio), acabam fazendo parte do cotidiano. Neste sentido, estes personagens acabam fazendo com que os elementos da cultura popular sejam transmitidos de pai para filho, num processo de constante renovação, através das novas gerações.

Assim é a obra de Monteiro Lobato, um verdadeiro oásis do imaginário popular brasileiro. O Sítio do Pica Pau Amarelo, por meio das figuras fantásticas e mitológicas, desperta nos leitores e telespectadores para o que há de melhor na cultura popular brasileira, através de suas lendas, tradições, enfim, de todos os elementos que compõem seu rico folclore.

FOLCLORE E SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO: UMA COMBINAÇÃO PERFEITA.

No contexto da literatura infantil, parece ser consenso entre os autores, a importância de se inserir elementos que traduzam a realidade na qual a criança está inserida. Mais do que isso, a literatura (independente da faixa etária) aparece como um grande aliado na conservação e divulgação da cultura popular.

Em especial na literatura infantil, observadas suas peculiaridades, os personagens folclóricos ganham dimensões ainda maiores, pois possibilita uma releitura cada vez mais fascinante aos olhos de quem lê. E, justamente sobre a literatura infantil, afirma Oliveira:

Uma obra literária é aquela que aponta a realidade com uma roupagem nova e criativa, deixando espaço ao leitor para entrar na sua trama e descobrir o que está nas entrelinhas do texto. Um dos critérios a serem considerados para avaliar uma obra literária infantil é verificar se ela contém o fantástico, o mágico, o maravilhoso, o poético. (OLIVEIRA, 1996, p.22)

Mas ao se deparar com a literatura infantil, ainda nos orienta essa mesma autora, a criança também compreende sua própria cultura:

A criança que desde muito cedo entra em contato com a obra literária escrita para ela terá uma compreensão muito maior de si e do outro; terá a oportunidade de desenvolver sua potencial criativo e alargar seus horizontes da cultura e do conhecimento; terá ainda uma visão melhor do mundo e da realidade que a cerca. (OLIVEIRA, 1996, p.24)

Um dos pontos principais na obra de Monteiro Lobato foi, justamente, a inserção de elementos da cultura nacional como uma resposta aos livros até então traduzidos e publicados no Brasil. Nesse sentido, oferece inicialmente uma resistência muito grande a essas obras que, em sua totalidade, não refletia nossa cultura.

Ao introduzir, por exemplo, em Urupês, a figura de Jeca Tatu, Lobato estabelece um elo entre a literatura (ainda não voltada ao público infantil) e os elementos da cultura popular. A partir daí, com as aventuras da turma do “sítio”, esses elementos vão se tornando cada vez

mais comuns naquele verdadeiro mundo da fantasia. Por isso, não será estranho que esse pequeno pedaço de terra acabe sendo um verdadeiro “santuário” do folclore, onde transitam livremente Saci, Boitatá, Lobisomem, Mula-sem-cabeça, Cuca, etc.

Essa preocupação com os elementos do folclore demonstra, por si só, a importância de sua obra, afinal, como nos diz Cunha: “O contato, desde muito cedo, com o material folclórico brasileiro será certamente uma das formas mais eficazes de combate à massificação e à colonização” (CUNHA, 1997, p.158).

O ponto de vista de Monteiro Lobato era assim, radical; era preciso reagir ao estrangeirismo que tomava conta, em especial na literatura. O brasileiro precisava, ao invés de apenas assimilar o que vinha de fora, mostrar sua própria cara. A reação de Lobato, como informa Edgar Cavalheiro, era uma reação consciente a este estado de apatia:

Os inquéritos sobre o saci, a série de contos e artigos que vinha produzindo, não passavam em suma de reação a tal estado de coisas. Sabia que o estudo das crendices populares revela o povo, ensina os meios, os canais, a arte de educá-lo. (...) Seu espírito nacionalista, nestas alturas, é tão intenso, que o leva a pleitear, para os nossos parques infantis, em lugar daqueles horrorosos anões barbudos, tão em voga, a graciosa figurinha do demônio brejeiro – o Saci Pererê. (CAVALHEIRO, 1955, p.193)

Como representante desse conhecimento popular, muitas vezes tão subestimado por grande parte da população, Lobato apresenta a Tia Anastácia. Sobre ela, escreve:

“Tia Anastácia, essa é a ignorância em pessoa. Isto é ignorante propriamente, não. Ciência e mais coisas dos livros, isso ela ignora completamente. Mas nas coisas práticas da vida é uma verdadeira sábia.” (LOBATO, 1972, p. 98).

E, não menos importante, ainda há Barnabé, um verdadeiro “sábio”: “– O tio Barnabé. Fale com ele. Negro sabido está ali! Entende de todas as feitiçarias, e de saci, de mula-sem-cabeça, de lobisomem – de tudo” (LOBATO, 1972, p.205).

OS MITOS E CLÁSSICOS INFLUENCIANDO A OBRA DE MONTEIRO LOBATO

Diante de uma posição radical em defesa da cultura nacional, principalmente no que diz respeito à literatura, Monteiro Lobato critica e rebate a forma como clássicos da literatura universal chegam até o Brasil. Para ele, as edições eram mal editadas, sem ilustrações e, muitas vezes, num português que não dava pra entender.

Entretanto, como editor e tradutor, foi responsável por inúmeras obras que, por si só, guardam o eterno respeito que, tão respeitosa, os clássicos adquirem. Entre os mais importantes, podemos citar: "Alice no País das Maravilhas" de Lewis Carroll; "O Lobo e o Mar" de Jack London; "Pollyana" e "Pollyana Moça" de Eleanor Porter; "Novos Contos" de Andersen e "Contos de Fadas" de Perrault.

Mas será em suas adaptações, nas aventuras que cotidianamente acontecem no Sítio do Pica-pau Amarelo, que Monteiro Lobato apresenta uma nova roupagem, mais facilmente compreendida pelas crianças. É assim que, por outro lado, as histórias vividas por heróis, princesas, monstros, etc, acabam se aproximando tanto da própria realidade.

Em obras como "Fábulas" e "Os doze trabalhos de Hércules", temos o claro respeito à boa contribuição dos clássicos. Entretanto, nesses casos, Monteiro Lobato se apodera dos textos e, como um artífice, reconstrói-os, dando a cara da simplicidade. Do contrário, como Tia Anastácia poderia se salvar do Minotauro com seus deliciosos bolinhos?

Essa proximidade com o mundo "real" pode ser observado, por exemplo, em Fábulas, quando, num certo momento, Dona Benta e os netos passam a explicar algo que faz parte do seu próprio cotidiano: os ditos populares:

– [...] Isso é verdade – comentou Narizinho. Não há o que a paciência não consiga. Lá na cachoeira há um buraco na pedra feito por um célebre pingo d'água que cai, cai, cai há séculos.

– E há um ditado popular para esse pingo – juntou Pedrinho: Água mole em pedra dura tanto dá até que fura.

– Quem faz os ditados populares, vovó?

– O povo, minha filha. Os homens vão observando certas coisas e por fim formam um ditado, um rifão, ou provérbio, ou adágio, ou dito, no qual resumem o que observaram. Esse dito do pingo d’água que tanto dá até que fura é muito bom – bonitinho e certo. (LOBATO, 1975, p. 87)

Mesmo nos momentos em que trata de clássicos “estrangeiros”, Lobato não perde a oportunidade de inserir a cultura popular. Mais do que isso, essas obras clássicas acabam sendo readaptadas e contadas de uma forma mais próxima da nossa própria linguagem. É o que acontece, por exemplo, com *D. Quixote*, quando Dona Benta se vê “obrigada” a refazer sua leitura para as crianças (aqui Lobato deixa claro o motivo de suas restrições à forma como esses clássicos chegavam até nós e a necessidade de uma tradução adequada para essas obras):

E Dona Benta começou a ler:

– “Num lugar da Mancha, de cujo nome não quero lembrar-me, vivia, não há muito, um fidalgo dos da lança em cabido, adaga antiga e galgo corredor”.

– Ché! – exclamou Emília. – Se o livro inteiro é nessa perfeição de língua, até logo! Vou brincar de esconder com o Quindim. Lança em cabido, adaga antiga, galgo corredor... Não entendo essas viscondadas, não...

– Pois eu entendo – disse Pedrinho. – Lança em cabido quer dizer lança pendurada em cabido; galgo corredor é cachorro magro que corre e adaga antiga é... é...

– Engasgou! – disse Emília. – Eu confesso que não entendo nada. Lança em cabido! Pois se lança é um pedaço de pau com um chuço na ponta, pode ser “lança atrás da porta”, “lança no canto” – mas “no cabido”, uma ova! Cabido é de pendurar coisas, e pedaço de pau a gente encosta, não pendura. Sabem que mais, meus queridos amigos? Vou brincar de esconder com o Quindim...

– Meus filhos – disse Dona Benta, – esta obra está escrita em alto estilo, rico de todas as perfeições e sutilezas de forma, razão pela qual se tornou clássica. Mas como vocês ainda não têm a necessária cultura para compreender as belezas da forma literária, em vez de ler vou contar a história com palavras minhas.

– Isso! – berrou Emília. – Com palavras suas e de Tia Nastácia e minhas também – e de Narzinho – e de Pedrinho – e de Rabicó. Os viscondes que falem arrevesado lá entre eles. Nós, que não somos viscondes nem viscondessas, queremos estilo de clara de ovo, bem transparentinho, que não dê trabalho para ser entendido. Comece.

E Dona Benta começou, da moda dela:

– Em certa aldeia da Mancha (que é um pedaço da Espanha), vivia um fidalgo, aí duns cinqüenta anos, dos que têm lança atrás da porta, adaga antiga, isto é, escudo de couro, e cachorro magro no quintal – cachorro de caça. (LOBATO, 1973, p. 10-11)

A despeito das restrições que mantinha às obras literárias estrangeiras, Monteiro Lobato, com muita freqüência, bebia dessa mesma fonte, buscando, entretanto, uma forma mais “agradável” de apresentar tais clássicos. Com isso, percebemos que, a despeito de defender nossos mitos, lendas, folclore, enfim, nossa cultura nacional, Lobato valorizava e se utilizava da chamada literatura clássica / universal, procedendo as devidas adaptações.

Certamente, foi dessa forma muito peculiar de escrever que muitas gerações conheceram e aprenderam a amar personagens como Hércules, Peter Pan, Chapeuzinho Vermelho, príncipes e princesas, etc, estabelecendo um verdadeiro passeio pelas diversas culturas às quais pertencem seus personagens. Aliado a isso, ainda deve-se levar em conta que a televisão ocupou um papel fundamental na divulgação da obra de Monteiro Lobato e, conseqüentemente, aproximando o brasileiro dos clássicos e de seu próprio folclore.

No mundo contemporâneo, a programação infanto-juvenil se expressa pela presença marcante da violência, da força bruta e da velocidade. Nesse contexto, o “Sítio do Pica-pau Amarelo” aparece como um caso a ser analisado com muito carinho. Há décadas, depois de diversas remontagens, ainda permanece encantando as crianças, jovens e adultos, além do que, contribui para uma dimensão pedagógica das mídias, aspecto que nos parece cada vez mais distante de acontecer.

Nos anos 70, a televisão iniciou sua adaptação da obra do escritor Monteiro Lobato, considerada um clássico na literatura infantil e se inscreve no contexto da grande literatura universal. O seu universo é repleto de imagens fantásticas, em que o sonho e o devaneio ocupam um lugar importante no processo que mexe, não somente com o público infantil, mas também com os adultos.

O mundo fantástico proposto por Monteiro Lobato, com todas as suas personagens de monstros e fadas, estimula positivamente a imaginação das crianças. O Sítio do Pica Pau Amarelo, neste sentido, serve como importante instrumento para contemplarmos aspectos da formação cultural brasileira.

O universo infantil obedece a leis próprias, é cercado de características que, por sua vez, não são percebidas no mundo dos adultos. A observação do universo infantil nos remete a várias fases do homem e as experiências da infância, juventude e maturidade. Elas vivem num universo imaginário bem particular.

A programação infantil, por outro lado, busca mexer sempre com esse lado imaginativo, buscando sempre apresentar produtos que, visivelmente, tem como principal objetivo a audiência. As crianças permanecem fascinadas durante longas horas diante da televisão. Ali, então, experimentam, simultaneamente, as sensações de prazer e de medo. Tais experiências, nos leva a analisar a relação entre as crianças e a realidade. Ao fazermos essa análise, percebemos o quão violenta está a programação “infantil”.

No Brasil, desde os anos 70 até hoje, destaca-se a importância inestimável d’O Sítio do Pica Pau Amarelo. Sua importância se deve ao fato de que este programa foi, e ainda é muito prestigiado, nas versões mais recentes, pelo público infantil. Em suas histórias, sempre são retratadas, além das aventuras próprias dos personagens, ações que muitas vezes nos levam a uma discussão acerca de valores que, a bem da verdade, parecem cada vez mais esquecidos.

Longe de um falso moralismo, as histórias quase sempre são recheadas de elementos como amizade, coragem, inteligência, amor, fidelidade, etc. Ao ressaltar tais elementos, o programa também possibilita (a crianças e adultos) uma análise acerca do próprio homem e sua relação com o mundo e com outros homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a obra de Monteiro Lobato, torna-se compreensível a sua importância no contexto literário brasileiro, em especial, no tocante à literatura infantil. Porém, mais do que um escritor, ele era um nacionalista ao extremo.

Seja no campo político, econômico ou literário, fica claro o apelo nacionalista empreendido por Lobato em todos os campos em que atua. No que diz respeito à literatura, em especial a literatura infantil, ele procura estabelecer um verdadeiro resgate de elementos pertencentes à cultura popular.

Já com seu personagem Jeca, possibilita uma discussão acerca do matuto e suas tradições, bem como uma reflexão sobre as relações entre o urbano e o rural. Mas é com as histórias dos habitantes do Sítio do Pica-pau que ele consegue estabelecer um projeto de resgate das tradições pertencentes a nossa cultura popular. Mais do que isso, apresenta-se como um verdadeiro defensor do nosso folclore, revisitando nossas tradições, através das lendas, comidas, credences, etc.

Mas, se por um lado é um grande defensor do autenticamente nacional, não ignora a tradição literária. Na verdade, sua crítica é, principalmente, pela forma como essa literatura chegava até nós, com traduções pobres, destituídas de qualquer atração, principalmente a literatura infantil.

Em contrapartida, resgata mitos, fábulas e heróis dos mais diversos países e introduz de forma simples e cativante (através do sítio) no contexto cultural brasileiro. Não se trata, portanto, de uma simples “picuinha” com as obras estrangeiras, mas uma valorização do que também é nosso.

Não é a toa que, travestido dessa simplicidade o Sítio do Pica-pau tornou-se um dos maiores sucessos da televisão brasileira, desde a década de setenta, passando por várias gerações e versões. E dessa forma, vamos ficando na expectativa de quando poderemos assistir a mais uma versão televisiva.

A obra de Monteiro Lobato, portanto, permite viajar pelas diversas culturas, passando pelos gregos com seus mitos, os contos de fadas, Dom Quixote, Peter Pan, personagens dos quadrinhos como o Gato Felix, Popeye etc, introduzindo o leitor no mundo da literatura clássica sem, porém, esquecer da própria cultura brasileira..

Entretanto, ao trazer em suas obras elementos de tantas partes do mundo, ele também possibilita uma retomada de aspectos que fazem parte da própria história de vida do povo brasileiro e de seu legado cultural. Mais do que uma comparação, sua obra possibilita um verdadeiro diálogo entre as mais diversas culturas.

Por fim, é possível dizer que, mais do que um folclorista ou nacionalista, Monteiro Lobato foi um verdadeiro visionário, para quem a literatura infantil se apresentava como uma porta para a compreensão de novos mundos. Por tudo isso, sua obra merece ser visitada e revisitada tantas vezes quantas forem possíveis.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Leonardo. *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Editora Nacional, 1955.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura Infantil: Teoria e Prática*. 16 ed. São Paulo: Ática, 1997.

LOBATO, Monteiro. *Literatura do Minarete*. 3ª ed. Brasiliense: São Paulo, 1964

_____. *Memórias da Emília*. 15 ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

_____. *Obras Completas*. 13 ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

_____. *D. Quixote das crianças*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1973

_____. *Fábulas*. São Paulo: Brasiliense, 1975.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. *Leitura Prazer: Interação Participativa da Criança com Literatura Infantil na Escola*. São Paulo: Paulinas, 1996.